

ORIGINALIDADE EVANGÉLICA DA TEOLOGIA E SEU DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR COM A FILOSOFIA E AS CIÊNCIAS

1. A TEOLOGIA EM QUESTÃO

A questão sempre atual surge hoje com uma urgência inadiável: refletir de maneira crítica e rigorosa sobre a natureza e as funções da teologia. Nosso empenho primordial há de ser bem precisar nosso projeto, delimitando e seriando seus diferentes aspectos e etapas:

- a. destacar o que constitui a originalidade evangélica da teologia cristã;¹
- b. realçar-lhe o caráter específico de sabedoria verificadora dos dados da fé em confronto com os recursos e interrogações da cultura;
- c. pôr em relevo sua qualidade de conhecimento prático a serviço da comunidade do povo de Deus, e mesmo de toda a humanidade.
- d. Teremos assim as condições para analisar suas relações interdisciplinares com as diferentes formas do saber filosófico e científico, o que nos permite chegar a uma compreensão exata e atual da teologia e de sua missão na Igreja e no mundo de hoje.

1.1. Uma primeira idéia da teologia

A teologia tira a sua força dessa conjunção ou sinergia *do conhecimento evangélico de Deus* que vai ao encontro da *cultura*, recorrendo ao *estudo*, entendido como uma atividade intelectual específica, aceita e aplicada na sua plena *autonomia*. O estudo designa, de maneira precisa: uma aplicação decidida,

1. Encaramos diretamente a teologia cristã, considerada em sua fonte e sua originalidade evangélicas. De forma mais ampla, pode-se falar de uma teologia judaica, islâmica, budista, tomando como base dessa reflexão os dados positivos de cada uma dessas experiências religiosas. Nosso projeto é susceptível dessa extensão epistemológica, que daria ao termo *revelação*, fonte da fé e da teologia, uma acepção analógica, do tipo: a revelação bíblica judaica (Antigo Testamento) será o fundamento da teologia judaica, assim como a revelação bíblica evangélica (Antigo e Novo Testamento) é o fundamento da teologia cristã. (Essa nota foi motivada pelo pedido de esclarecimento de um estudioso do judaísmo, o qual teve a gentileza de discutir nossas posições, e estranhou a *identificação da teologia com o Evangelho*).

forte e contínua da inteligência, que se empenha em buscar o saber, com todo o rigor de método, exigido pelo campo científico abordado. E para isso, desdobra todos os recursos da razão, definindo, analisando, experimentando, demonstrando **todo o universo: das idéias, das realidades, dos comportamentos, das situações, das formas de viver e de conviver, dos processos de fazer e métodos de agir.**

1.2 Verificar e comunicar

A teologia é portanto originariamente, sabedoria divina que se enraíza na graça da revelação e no dom do Espírito, e passa a se realizar propriamente no plano da razão humana. Ela será então um saber, que verifica e comunica o que foi verificado, em vista de instaurar um processo de contínua verificação, por parte da comunidade dos teólogos e da comunidade eclesial. Se não se chega a esse processo de verificação rigorosa e metódica, de caráter pessoal e comunitário, não há teologia.

1.3. Risco de crise insuperável

A falta dessa teologia verificadora e comunicativa ocasiona normalmente uma crise crônica na Igreja, um risco de asfixia por falta de inteligência e diálogo em torno do essencial. A crise teológica não será debelada graças a intervenções supletivas de outras instâncias, com efeitos mais ou menos positivos.

Semelhantes intervenções, por mais autorizadas que sejam, jamais poderão, por elas mesmas, preencher a lacuna deixada pela ausência ou a deficiência da teologia. De maneira constante, porém mais ainda em fases de inovação e de pluralismo cultural, o esforço de todos se há de concentrar primordialmente em fazer surgir, crescer e circular em todos os recantos da Igreja o saudável e renovador oxigênio da teologia.

1.4. Teologizar é preciso

Cumprir entrar pelos caminhos da verificação. É necessário começar por verificar os pontos de partida e de referência. A questão: fazer e como fazer teologia, especialmente neste momento cultural, em que se multiplicam e se criticam os paradigmas científicos e teológicos, torna-se tarefa delicada. Ela pede, antes de mais nada, que se relembrem, em sua integralidade e em seu entrosamento harmonioso, o conjunto dos dados, que se encontram na base de toda a nossa construção.

Esses dados podem parecer elementares. Porém, sua elucidação e sua articulação estão longe de ser fáceis. Eles já exigem, de entrada, uma atitude pluridisciplinar e interdisciplinar, e até mesmo transdisciplinar, ampla e cuidadosa.

Condensamos esses dados fundamentais ou fundadores do saber teológico nos itens seguintes, que constituirão as quatro balizas do nosso itinerário:

- a. Noção evangélica da teologia (2).
- b. Definição da teologia (3).
- c. Originalidade e unidade da teologia, diante da complexidade pluridisciplinar e da busca de coerência transdisciplinar do saber científico (4).
- d. Tentativa de síntese. Indicações e sugestões metodológicas (5).

2. NOÇÃO EVANGÉLICA DA TEOLOGIA

2.1. Noção elementar

A noção elementar, evocada pela etimologia, indica que *teologia* é *palavra* ou *discurso sobre Deus*. Como biologia diz conhecimento sobre a vida. E sociologia se apresenta como estudo dos fenômenos sociais.

De início, para os gregos, *teólogos* eram poetas ou filósofos que discorriam sobre a divindade. É o reino da mitologia, do feliz casamento da imaginação e da inteligência em sua função simbólica.

Desenvolvendo a dimensão crítica da razão, outorgando-lhe foros de autonomia, os filósofos pós-socráticos inauguram um primeiro processo de desmitização, de interpretação dos mitos e ritos religiosos. Platão não hesita em podar a exuberância dos poetas teólogos, regateando-lhes os espaços de sua *Cidade* ideal, que será construída sobre os alicerces da razão, da ética e do direito. A autonomia da razão filosófica tende a se tornar uma autarcia, com a conseqüente relegação ou desqualificação da inteligência simbólica, até então privilegiada na esfera religiosa.²

Os primeiros pensadores cristãos, que se sentem mais à vontade nas academias dos filósofos que nos recintos dos templos, mostram certa reserva no emprego do termo teologia. São Justino dá preferência à *filosofia* para designar o seu saber de discípulo de Cristo.

Note-se que, se essa opção pela filosofia e pela sua crítica à religião era enriquecedora, comportava também um grande risco. O emprego preponderante e até mesmo exclusivo da lógica racional poderia conduzir a teologia a relegar a abordagem e a linguagem simbólicas, tão intimamente vinculadas à *mensagem bíblica*. Como manter e articular harmoniosamente o conhecimento lógico e o simbólico? Está aí uma questão de base para a teologia fundamental, colocada à reflexão cristã desde a época patrística. Ela deve ser retomada hoje, à luz e na

2. Preferimos falar de *desmitização* para caracterizar a interpretação restritiva dos mitos religiosos, praticada pelos filósofos gregos, tais como Platão. Este quer excluir da sua *República* a mitologia popular ou poética, considerando-a como contrária à verdade. A *desmitologização*, introduzida por R. Bultmann, tem outro significado e outro alcance. Ela reconhece no mito um proceder normal da linguagem religiosa, que carrega o querigma e a mensagem cristã de representações míticas, tentando exprimir o além em imagens e idéias mundanas. A desmitologização seria então a necessária operação hermenêutica que libera o sentido existencial da pregação e da doutrina cristãs, que funda e assegura a livre decisão da fé, esvaziando-a de toda pretensão objetivante.

perspectiva de uma hermenêutica, informada de todos os dados históricos e rigorosa em suas atitudes críticas.³

No fim da Idade Média, em concorrência com *Sacra Doctrina*, o termo teologia vai se generalizando. Ele designa: o *conhecimento de Deus, e de todas as coisas em relação a Deus*, fruto do estudo, aplicação rigorosa da razão, esclarecida pela fé e fundada nos dados da revelação cristã (Cf S. Tomás, q. 1 a.7).⁴

2.2. Visão evangélica

No entanto, esse processo histórico de elaboração da teologia vai sendo iluminado por uma visão mais profunda, mais tipicamente cristã, que merece hoje um destaque especial. Essa reflexão anima as escolas patrísticas, em estreita afinidade com as diferentes correntes de espiritualidade monástica. A teologia exprime o que há de mais íntimo e perfeito no Evangelho, que é, por sua vez, entendido como o que há de mais acabado na revelação bíblica.

2.1 1. Tradição joânica

Sem dúvida, desde Orígenes, entre os Padres gregos, se realça qual *teólogo* por excelência: João, o Evangelista, de cujo testemunho brota o Evangelho, enfaticamente realçado como *espiritual*.⁵ A própria iconografia da Igreja oriental confirma essa tradição de maneira sugestiva. Ela representa, de um lado e do outro do Crucificado, João Batista, o “precursor” (*Ho Pródromos*), e João Evangelista, o Teólogo (*Ho Theólogos*). O “Precursor” introduz ao conhecimento de Cristo, o “Teólogo” leva esse conhecimento à plena perfeição.

Na linha dessa tradição, a teologia manifesta uma *dupla originalidade tipicamente cristã*:

- a. *Theos*, o Deus de que ela fala, é o *Pai* revelado pelo Filho.
- b. E o *Logos* incluído em *teologia* designa esse mesmo *Filho*, Imagem perfeita e perfeita revelação do Pai.
- c. O *Logos* da teologia cristã implica intimidade e transparência. Designa confiança e manifestação de um segredo.

Essa dupla propriedade: confiança e manifestação do segredo, se encontra na dupla etapa fundadora da teologia, nessa sua acepção mais profunda:

- a. primeiro, na sua fonte, o próprio “Logos”, confidente e revelador do Pai;
- b. em seguida, na sua transmissão, na sua *tradição* primordial, quando o “Discípulo Amado” é escolhido, qual testemunha privilegiada, para a confiança e a manifestação do Evangelho.

3. São Tomás aborda no limiar do *Escrito sobre as Sentenças* (Livro I, Prólogo., a. 5) e da *Suma Teológica* (S. T., I, 1. 9), a questão da linguagem simbólica em teologia. Na verdade, aí se justifica o emprego das imagens e figuras nas Sagradas Escrituras, tendo em conta a índole “argumentativa” da teologia (S. T., I, 1, 8). A teologia sacramental de São Tomás revaloriza a linguagem simbólica. Cumprenos hoje prolongar e, em alguns pontos, superar essa posição da teologia clássica do passado, universalizando e precisando a linguagem simbólica em toda a teologia.

4. Para São Tomás, a teologia realiza a perfeição da ciência e da sabedoria, segundo a epistemologia de Aristóteles, que define a ciência *como perfeito conhecimento pelas causas*, em um movimento intelectual que vai dos princípios às conclusões. A sabedoria designará a ciência em sua expressão mais alta e acabada, que consiste em explicar e compreender a realidade à luz das *causas últimas* ou dos *primeiros princípios*. Já em seu artigo *Théologie*, no *Dictionnaire de Théologie Catholique*, Yves Congar procurava mostrar a convergência das noções aristotélica e moderna de ciência, como indispensável na compreensão atual e adequada da teologia.

5. Cfr ORIGÈNE, *Commentaire sur S. Jean*, t. I, nº 23, p. 71 (Sources chrétiennes, 120).

Aqui se encontra a expressão joânica, “repousar no seio”, destacada e repetida em dois momentos primordiais da comunicação da Verdade:

- a. O Filho repousa no *seio do Pai* (Jo 1, 18);
- b. o Discípulo Amado repousa no *seio do Cristo*. (Jo, 13, 23).

Compare-se esse uso joânico com os outros empregos da expressão por S. Lucas: Lc 6, 38; 16, 22; 23; e At 27, 39. É interessante notar nos dois passos do Evangelho de Lucas, Lázaro repousando no seio de Abraão, onde se insinua as conotações de intimidade e de diálogo.

Podemos sintetizar assim esses dados joânicos: a teologia, revelação do Pai, se realiza em um duplo momento:

- a. O Filho, o Logos a vai haurir no seio do Pai;
- b. João, o Discípulo Amado, a recebe do seio de Jesus, o Logos que se fez carne, precisamente para revelar o Pai no excesso de seu amor (Cf Jo 13, 1; 13, 23).⁶

A teologia, nessa sua primeira expressão genuinamente cristã, se define assim, qual perfeita revelação de Deus, realizando-se na perfeição de um conhecimento de amor, que é intimidade e comunicação. A teologia se há de haurir no seio de Deus, no seio de Deus Pai, que se dá e se desvela plenamente a quem repousa no seio do Cristo. Esta é a Verdade total e perfeita, consistindo na plena revelação do Pai, no momento em que o Filho revela seu amor e o amor do Pai, através do esvaziamento (*kenose*), da humilhação suprema e da dádiva completa da cruz.

Essa compreensão da teologia está em correlação com. a *Verdade* joânica, que se identifica com Cristo. Verdade que Ele veio revelar. Pois, Ele nasceu e veio ao mundo para efetuar esse dom-revelação da Verdade (cf Jo 18, 37-38; Jo 14, 6...)⁷.

2.1.2. Tradição paulina

Vamos encontrar essa compreensão vivida da teologia evangélica, em um outro contexto e em uma perspectiva algo diferente, quando nos voltamos para a doutrina paulina. Destacamos inicialmente um texto, no qual o dinamismo da verdade é manifestado através de um verbo, exprimindo a verdade em ato: *aletheuein* (“praticar a verdade”). A Epístola aos Efésios propõe como programa para os fiéis que eles vivam a *verdade na caridade* (cf Ef 4,15; ver Ga 4,16; São os dois únicos empregos do verbo *aletheuein*, no Novo Testamento).

Poderíamos sintetizar a mensagem nesses termos: *o cristão, a comunidade cristã são convidados a uma vida de verificação divina no amor*. O verbo paulino *aletheuein* significa, de maneira abrangente: “dizer, viver, praticar a verdade”.

6. Tal é substancialmente a doutrina que Orígenes passa a seus contemporâneos e que a tradição patrística nos legará. Ver ORIGÊNE, *Commentaire sur S. Jean*, t. V, nº 260-274, p. 297s. (Sources chrétiennes, 385)

7. Essa visão da teologia joânica se acha condensada em meu livro *Éthique chrétienne et dignité de l'homme*. Paris, Cerf, 1992, c. 2: “*Communion divine exemplaire: le verbe “donner” (didonai) comme expression des rapports du Père et du Fils dans le IVème Évangile*”, p. 37-61. A mesma doutrina já se encontra no volume, hoje esgotado: *O Evangelho da Unidade e do Amor*. S. Paulo, Duas Cidades, 1968.

Esse verbo é empregado por Aristóteles para delimitar e elucidar a virtude que rege a comunicação humana, a “verdade-veracidade”. A “verdade da palavra” é a conformidade desse sinal comunicativo com a convicção da inteligência, essa *verdade da palavra e da inteligência sendo relacionada com a “verdade da vida”, a verdade vivida na autenticidade da existência. é essa retidão moral de toda a pessoa que motiva e garante a verdade-veracidade na comunicação.*⁸

A simples evocação dessa elaboração ética nos permite apreciar a amplitude e a originalidade do ensino do Apóstolo. Unindo caridade-verdade, a mensagem paulina coincide em profundidade com a visão joânica da teologia plenamente evangélica. Ela realça o aspecto do conhecimento, de aceitação intelectual da mensagem de Cristo que se encontra na fé cristã. Mas ela insiste sobre a dimensão do amor. Ele é o conteúdo primordial da pregação, bem como o motivo primeiro da adesão a essa pregação e a fonte de toda a qualidade ética e espiritual da nova vida que dela decorre.

Na vida dos fiéis e da comunidade no Cristo, a caridade aparece como o princípio de todas as formas do verdadeiro conhecimento. O tema é sintetizado em 1 Cor 8, 1-3. Ele é desenvolvido em Rm 12, 2; Fl 1,9-11; Col 1, 9-14; Ef 4, 14-18.

O conhecimento de Deus tem sua fonte, seu objeto, sua motivação e seu dinamismo no amor. É essa a originalidade evangélica, que convinha realçar, antes de tudo, na visão da teologia que pretendemos atualizar na Igreja e no mundo de hoje.⁹

3. A TEOLOGIA, SABEDORIA DIVINA VERIFICADORA

A teologia vai se constituir em sua originalidade própria dentro da Igreja, em virtude da utilização rigorosa, metódica e autônoma da razão e da cultura, para a compreensão intelectual e comunicável da Palavra de Deus e da experiência cristã que ela suscita.

Tal é o modelo específico de ministério, de serviço e mesmo de carisma que a teologia há de realizar para o bem da comunidade dos fiéis e da própria sociedade, com a qual a Igreja e a teologia se encontram em diálogo constante.

A teologia surge como uma forma de vida, brotando do elã evangélico, que tende a assumir e a penetrar todos os bens e valores humanos. O conhecimento da fé, que o Evangelho inspira, vai ao encontro do estudo, discernindo-o qual valor humano eminente, pessoal e social, respeitando-o e integrando-o em sua plena autonomia racional e cultural.

8. Cf ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*, livro IV, cap. 13. Em seu *Comentário* (já editado pela Leonina), São Tomás retoma e desenvolve essa doutrina, a que dá a forma definitiva na *Suma Teológica*, II-II, q.109 (para a qual fiz a Introdução e as Notas, na *Somme Théologique*. Paris, Cerf, 1985).

9. O Novo Testamento destaca, por vezes, a missão especial e mesmo o carisma do “doutor,” em sua tarefa de ensino e esclarecimento da comunidade: Rm 12, 7; 1 Cor 12, 10 e 28-29; Ef 4, 11. Essa missão eclesial de “doutor” se encontra na origem do ministério específico do teólogo, cujas funções se diferenciam e manifestam, através do processo de desenvolvimento da Igreja e da cultura. Nesse momento de nossa reflexão, insistimos sobre o dado fundador, que vem a ser a conexão íntima do amor e do conhecimento, quando se trata da adesão à verdade revelada e do progresso na “ciência”, “na sabedoria”, no “discernimento” que norteiam a vida no Cristo e no Espírito.

3.1 A fé coabita com a razão

Está aí o traço mais típico e mais difícil de apreender, daquilo que constitui a especificidade, a singularidade primeira do saber teológico, quando o comparamos com as diferentes formas do conhecimento de Deus e das coisas divinas, através da razão, da fé ou da mística.

Cumpra insistir, de início, sobre o dado fundamental: Como um corolário da própria Encarnação, a fé, que transcende a razão, a penetra e tende a valorizá-la no seu próprio domínio verificador e discursivo. A teologia é a fé morando na casa da razão, que se põe a serviço de sua hóspede divina, atarefando-se com seus pobres recursos humanos, mais do que a esforçada Marta, agitando-se entre o forno e o fogão (Cf Lc 10, 40).

Humanizando-se perfeitamente em Cristo e de maneira imperfeita em nós, a Verdade divina estabelece uns tantos modelos de coabitação com a inteligência humana. Entre esses tipos de relações harmoniosas, a teologia é a que mais realça a razão e mais exige dela, adotando o estilo, que a razão tem, de ser e de agir.

Suscitando a livre adesão da fé, a graça da Revelação engendra primeiro um conhecimento propriamente divino, cujo pico de perfeição é a contemplação mística. A fé e a contemplação engendram um saber e mesmo um certo sabor de Deus, permanecendo, no entanto, acima de qualquer verificação e de qualquer comunicação. O contemplativo pode dar algum testemunho da sua contemplação. Mas se acha na impossibilidade de defini-la, de explicá-la em termos próprios, até para si mesmo.

A teologia é infinitamente inferior à virtude teologal da fé e à contemplação que a eleva na quente e obscura noite do Espírito. Mas ela fica do lado de cá, trilhando os caminhos da razão e lançando mãos de seus recursos. E ela o faz tomando à razão o que esta tem de mais típico, de mais forte, a sua capacidade não apenas de conhecer mas de fundar seus conhecimentos, de aprimorá-los, de precisá-los, de formalizá-los e de os demonstrar, segundo o que é possível em cada gênero do saber.

3.2. Assumir o estudo

A teologia surgirá do amor do conhecimento, amor que dinamiza o estudo, a grande força construtiva e mobilizadora da inteligência, em prol do desenvolvimento da pessoa e da sociedade.

Esse encontro da inteligência cristã com o estudo já conheceu uma primeira forma institucional nas escolas episcopais e monásticas desde a *Época patrística*. Mas o estudo ainda não tem plena consciência de sua identidade, de sua autonomia. É certo que ele ganha com sua plena subordinação aos objetivos religiosos de edificação e de apostolado.

Aliás a forma típica de sua realização, que vai fascinar o pensamento cristão, é a meditação filosófica ou a leitura deferente, quando não espiritual de textos antigos, veneráveis e mesmo sagrados. A sabedoria filosófica que a teologia patrística *quer prolongar e superar tem a ambição maravilhosa de se realizar plenamente na felicidade, que, para os grandes pensadores, termina na semelhança e na união com o sumo bem.*

3.3. O estudo em sua autonomia

Ao invés, a universidade do século XIII, surge e se estrutura como o universo do estudo, que reivindica sua identidade e quer ter sua autonomia. É o estudo adulto que convém ao homem adulto, intelectualmente adulto, que não apenas crê no que diz o mestre ou o texto. Mas consagra sua inteligência à verdade, sob a forma da verificação rigorosa, estrita, dura, possibilitando comunicação e discussão de certezas fundadas ou fundáveis em razão.

São Domingos apostou nesse novo modelo do estudo. Ele o introduz como base de sua Ordem de Pregadores. Sua família religiosa abriu um tal espaço ativo e institucional ao estudo, que produzirá logo um frei Tomás de Aquino. É dele que se fala quando se afirma que o estudo entrou na história da Igreja e da cultura, com a plena consciência de sua identidade, de sua autonomia e de sua definição.¹⁰

3.4. O estudo, virtude e ascese

Ao elaborar sua ética de inspiração teológica, São Tomás elevará o estudo ao nível de uma virtude, que há de aperfeiçoar na justa medida todo ser humano (cf II-II, q. 166). É uma virtude moral, chamada a estimular, orientar e disciplinar a inteligência na procura metódica e firme do saber. O estudo é caracterizado como “uma aplicação intensa” (*vehemens applicatio*) a aprender o que convém. Essa qualidade racional exclui do estudo as curiosidades vadias, os diletantismos intelectuais de toda espécie. Ficam também de fora todos quantos brincam com as coisas do espírito ou desperdiçam o seu tempo em prazeres solitários ou coletivos de fantasiar idéias ou doutrinas, de forjar sistemas, ideologias, filosofias ou religiões.

O estudo surge do respeito da inteligência e da realidade. De si mesmo, ele é uma ascese, pedindo todo um rosário de ascèses. Esta ascese brota do desejo e da alegria de conhecer e conduz ao pleno desabrochar do saber. Por sua própria natureza, qual ascese da inteligência, o estudo tenderá sempre a uma certa forma de contemplação, a um tipo de felicidade que é a identificação do espírito com a verdade.

10. Sobre a originalidade dessa posição de São Domingos e de sua família religiosa no que toca ao estudo, ver a minha contribuição: *Os estudos na Ordem Dominicana*, in: *Os Dominicanos*. São Paulo, Província Dominicana do Brasil, 1981, p. 57-85.

3.5. O estudante, especialmente em teologia, é o sujeito ou o princípio ativo de todo o processo de aprendizagem.

Na questão “Sobre o professor” (Cf De Magistro, q.11 do De Veritate), São Tomás explica como o estudante tem a capacidade interior e ativa para aprender. Ele é apenas ajudado pelo mestre, na tarefa de evitar obstáculos ou desvios, de se dispor a exercer, corajosa e corretamente, a própria inteligência. É interessante notar o paralelismo estabelecido por Tomás de Aquino entre a manutenção ou a recuperação da saúde, o progresso nas virtudes morais e o desenvolvimento da vida intelectual. O Mestre se compraz em aplicar em toda parte a doutrina hilemorfista, do ato, da potência e do hábito. O médico não causa a saúde. O professor não produz a ciência. O guru ou o guia espiritual não fazem surgir a virtude. Todos esses agentes serão tanto mais eficientes quanto mais conseguirem despertar os princípios internos de vida, de saber, de virtude que todo ser humano traz em si de maneira mais ou menos ativa e desenvolvida, e até mesmo de forma meramente potencial. Tal é a doutrina cuidadosamente explicada, sob o título “O Mestre,” porém visando paradoxalmente valorizar e responsabilizar primordialmente o estudante (Cf especialmente Ver., q. 11, art.1).¹¹

11. São Tomás faz questão de insistir: *A ciência já preexiste no estudante, de maneira ativa e não apenas passiva*. E argumenta, com certo espírito, a partir do caso dos autodidatas: *Do contrário, homem algum poderia adquirir a ciência por si mesmo* (Ver., q.11, art. 1, no centro da longa solução proposta).

3.6. O estudo e a perfeição evangélica

Por isso, na sua visão evangélica da vocação do ser humano, São Tomás mostra que o estudo confraterniza com a oração, com o silêncio e com o diálogo, na busca da contemplação. Uma contemplação teológica — a que acrescentaríamos hoje uma contemplação filosófica, científica e est ética — virá assim coroar o esforço bem feito e bem sucedido de busca diligente, amorosa da verdade, dentro de nossas capacidades humanas.

No cimo da escalada, ergue-se a contemplação mística, dom mais alto, vindo levar ao seu termo ditoso, o dom primeiro da inteligência e da fé.

Na plena consciência dos dados e exigências da perfeição cristã e do quanto trazia e pedia o novo contexto cultural em que entrava a humanidade, Tomás de Aquino justifica teologicamente a inovação de seu Pai espiritual, S. Domingos de Gusmão. E mesmo, indo de encontro aos silêncios e às práticas contrárias de certa tradição monástica, se empenhará em provar, por a mais b, que a vida apostólica, praticada e instituída por Cristo, há de integrar doravante o estudo. Este, qual virtude e ascese dotadas de seu valor próprio e insubstituível, *tem que fraternizar com a leitura, com o silêncio e a meditação e com outros elementos da vida pobre, casta, obediente e comunitária, consagrada pelo amor à pregação e ao testemunho do Evangelho.* (cf II-II, q. 188, art. 5).¹²

12. Hoje, ao menos em princípio, essa integração do estudo na vida religiosa e sacerdotal, tornou-se um bem comum para toda a Igreja. É picante notar como Mestre Tomás de Aquino, seu confrade Alberto Magno e seu colega de ensino, o franciscano Boaventura se vêem obrigados a se bater valorosamente para não serem submergidos pelos adversários do estudo, como elemento da vida religiosa. Ver sobre essas controvérsias, o meu livro *Contemplação e Libertação*. São Paulo, Ática, 1996, p.50-53.

3.7. O estudo, valor primeiro da modernidade

O valor próprio, enriquecedor e insubstituível do estudo. Está aí a novidade que vai mudar a vida religiosa e a prática pastoral da Igreja. E sob outros feitos secularizados, irá também revolucionar a cultura e dar origem a novas formas de civilização e mesmo de humanidade. O que se batiza com o nome de “modernidade” é uma realidade sócio-cultural muito complexa. Mas o seu elemento de base, mais firme, mais dinâmico e fecundo é o predomínio e a generalização do estudo.

Outros fenômenos são mais vistosos ou salientes.

Mas, formando o sistema universal de educação primária, secundária e superior de toda a população e sob a forma de pesquisa, de inovação, de invenção, que sustenta as ciências e as técnicas, o estudo é a verdadeira alma da civilização moderna. Fora do universo cultural do estudo, estão os que se excluíram ou foram excluídos dos bens humanos da civilização.

Dentro desse vasto mundo da civilização, ao lado da exclusão, há outros processos perversos de distorção do estudo, especialmente sua orientação puramente utilitária, em vista de uma sempre crescente produção e concentração de riquezas. E em concorrência com o estudo, bem orientado ou indevidamente explorado, há as mil e uma formas de desperdícios e corrupção dos recursos e atividades da inteligência.

Com o louvável intento de servir à cultura e mais ainda à comunidade eclesial, a teologia assume e exalta o estudo, como a estrada real que conduz à promoção da pessoa e da sociedade. O estudo não é apenas útil. Ele é um valor em si, como plena realização da inteligência enquanto vocação à verdade. A teologia começa por realizar em si essa valorização efetiva do estudo. Assim, ela se torna uma interlocutora válida e eficiente, capaz de compreender a civilização e a sociedade modernas, em toda a sua complexidade e em toda a sua polivalência. O diálogo cultural que então se estabelece será sempre enriquecedor para a teologia, ao mesmo tempo que ele abre as portas à influência evangelizadora e humanizante da Igreja.

4. UNIDADE E ORIGINALIDADE DA TEOLOGIA, COMPLEXIDADE PLURIDISCIPLINAR E BUSCA DE COERÊNCIA TRANSDISCIPLINAR DO SABER CIENTÍFICO

4.1. O reino das ciências, o pluralismo cultural e filosófico

A implantação e o progresso do estudo, sob a forma da pesquisa inovadora, dos sistemas universalizados de ensino e da comunicação de informações, significam para a modernidade o

13. O tema do “pluralismo”, em seus aspectos positivos, não tem merecido a atenção do magistério eclesiástico. Não vem mencionado no *Catecismo da Igreja Católica*, sendo ao contrário estigmatizado, em termos equivalentes e relacionados com o relativismo nas intervenções da *Congregação para a Doutrina da Fé*. Veja-se, por exemplo, a declaração desse dicastério *Sobre alguns aspectos da ética sexual*, de 1976. Ao contrário, a *Comissão Internacional de Teologia* se ocupou do tema com amplitude e largueza de vistas, desde 1972, com o texto: *A unidade da fé e o pluralismo teológico*. É curioso notar que o prólogo da *Constituição Brasileira de 1988* indica como tarefa da Assembléia Nacional Constituinte: *assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais... como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos...*

advento do reino das ciências e o pluralismo cultural generalizado. O pluralismo atinge de cheio o domínio da filosofia, que se vê destronada de sua missão real de sabedoria unificadora e orientadora do saber e da cultura, se é que ela chegou a exercê-la efetivamente em alguma época da história.¹³

Desde o fim da Idade média, em toda a época moderna, constata-se a presença e a influência da filosofia, ou melhor de escolas ou correntes filosóficas, em vastos domínios ou províncias da cultura e da vida social. Na Igreja, uma filosofia escolástica consegue, por certo tempo, conferir alguma coerência formal ao ensino oficial da teologia. Mas uma tal teologia se acha cada vez mais ausente ou rejeitada do mundo secularizado. Ela é pouco utilizada pelo Concílio Vaticano II, que se vale de paradigmas mais compreensivos e mais próximos das formas correntes de pensar e de se exprimir.

Assiste-se hoje ao surgimento de vagas ou de movimentos filosóficos, em relação viva, ao menos de diálogo, com setores importantes da civilização. A filosofia entra nos campos da política, da economia, da ética e da estética. Ela se interessa sobretudo pelas questões fundamentais, teóricas e práticas, levantadas pelo vertiginoso progresso das ciências e da tecnologia.

Portanto, a filosofia aí está viva, convivendo com a cultura, com a civilização, com as ciências, com as interrogações existenciais da humanidade. Mas ela participa plenamente do pluralismo. Por vezes, ela assume e justifica esse pluralismo, que é o fenômeno dominante em todos os quadrantes da vida pessoal e social, no plano das idéias, das mentalidades, das convicções e dos valores.

E agora, José?, perguntamos com Carlos Drummond de Andrade. *Se a festa acabou*, se lá se foi a unanimidade, se o pluralismo reina de fato e chega a se propor como a única solução, séria e teoricamente viável, a filosofia e as ciências chegariam a lançar pontes interdisciplinares ou transdisciplinares, com as quais a teologia poderia contar em seus projetos de construção e de coerência?

Para tirar “José” do embaraço e abrir espaços à nossa reflexão teológica, vamos trilhar um duplo caminho. Vamos indicar e analisar sumariamente uma ou outra das experiências que nos parecem mais significativas e ricas de esperanças:

- a. primeiro, no campo dos cientistas (nº 4.2.);
- b. em seguida, entre os filósofos (nº 4.3.).

Poderemos, então, à maneira de conclusões, esboçar umas pistas que se apresentam como mais plausíveis ou mais viáveis (5.).

4.2. Cientistas buscam o diálogo interdisciplinar

Nos diversos campos científicos, verifica-se um vasto movimento de extrapolação, um esforço racional e conjugado de

superar os limites de uma província restrita do saber, salvando todavia os resultados adquiridos e os métodos próprios da disciplina em questão.

A Física quântica nos dá o exemplo de maior amplidão em sua audaciosa tentativa de ocupar ou mesmo de alargar os espaços da cosmologia clássica.¹⁴ Ciências humanas, tais a biologia, a psicologia, a psicanálise, a sociologia, indo o mais longe possível na cata da especialização, procuram lançar ou consolidar os quadros de uma ciência fundamental, que possibilite explicar o fenômeno humano, em perspectivas universais, a que não faltam ambições práticas de caráter terapêutico, pedagógico ou político.

No plano das psicologias das profundezas, lembremos os trabalhos de hermenêutica, freudiana, lacaniana, junguiana, todo um labor que vem sendo prolongado, de maneira complementar ou retomado sobre novas bases, pela hermenêutica filosófica. Nossa atenção se volta espontaneamente para esse grande desbravador, que é Paul Ricoeur.¹⁵

Entre os pioneiros do diálogo interdisciplinar e mesmo transdisciplinar, citemos o incansável Edgard Morin.¹⁶ Declarando a *natureza um paradigma perdido*, tentou propor em lugar da *natureza*, da *lei natural*, do *direito natural*, outros conceitos mais abrangentes, outras formas de pensar mais ajustadas e compreensivas. Seu empenho seria de alargar as noções e os quadros científicos, de maneira a englobar a universalidade do real, a complexidade sistêmica do ser vivo, dos diferentes níveis da vida, das relações e organizações sociais. Seria a busca emocionante da quadratura do círculo? Pretende-se guardar o rigor científico, a metodologia que fez suas provas no campo limitado de uma disciplina do saber. Mas, ao mesmo tempo, se visa transformar esse instrumental restrito, técnico-científico, e dele fazer uma linguagem universal, no estilo da filosofia clássica.

Um lugar de relevo merece a epistemologia de Jean Piaget.¹⁷ Piaget não se contentou jamais de ser apenas o psicólogo, o grande inovador da psicologia genética do conhecimento. Sua grande paixão era a epistemologia, a filosofia da ciência e das ciências, do diálogo interdisciplinar. Mas para ele, essa filosofia se encontra no pico das pesquisas e das elaborações científicas e só pode ser levada a cabo pelos próprios cientistas.

De Piaget, no entanto, convém realçar muito especialmente a tentativa de dar uma base objetiva ao diálogo interdisciplinar e de assegurar a credibilidade da filosofia junto aos cientistas. Ele propõe a todos um projeto de trabalho intelectual, susceptível de uma verificação por parte de todos os parceiros, seja da mesma disciplina, seja de uma outra disciplina, científica ou filosófica.

Piaget expõe com a clareza desejável uma metodologia precisa de diálogo, exigindo de cada um que bem defina os termos

14. O livro de FREI BETTO, *A Obra do Artista*, Uma visão holística do Universo. Ática, São Paulo, 1995, oferece um exemplo deveras notável de uma cosmologia espiritual, esclarecida e apoiada por uma excelente informação científica, especialmente no que toca à física quântica.

15. Pensamos particularmente em obras como *Histoire et Vérité* (1955), *De l'Interprétation. Essai sur Freud* (1965), *Le conflit des interprétations. Essais d'herméneutique* (1969), *La métaphore vive* (1975), *Soi même comme un autre*, todas nas edições du Seuil. Note-se ainda *La symbolique du mal*, Paris, Aubier, 1960. Em português: *Interpretação e ideologias*. trad. de Hilton JAPIASSU, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988; *Leitura 1, Em torno ao político*. trad. de Marcelo PERINE, S. Paulo, Loyola, 1995. Sérgio de GOUVÊA FRANCO, *Hermenêutica e psicanálise na obra de Paul Ricoeur*. S. Paulo, Loyola, 1995.

16. Referimo-nos especialmente a *Le paradigme perdu: la nature humaine*. (1975); *La méthode, La nature de la nature*. t.1 (1977); t.2: *la vie de la vie* (1980); todos das edições du Seuil, Paris. Essas e outras obras de Edgard MORIN se encontram em tradução portuguesa, na col. Biblioteca Universitária, Publicações Europa-América, Mem Martins, Portugal.

17. Limitamo-nos a indicar de Jean Piaget: *Introduction à l'Épistémologie génétique*. Paris, PUF, 1950; *Logique et connaissance scientifique*, (com diversos colaboradores). Paris, Gallimard, 1967; e a coleção *Études d'Épistémologie génétique*, publicados em Paris, PUF, desde 1957. Em português, encontram-se em um só volume: *A epistemologia genética*, Sabedoria e ilusões da filosofia e Problemas de psicologia genética. São Paulo, Abril Paulo, Ibrasa, 1968; *A Epistemologia genética*. Petrópolis, Vozes, 1972.

e noções, que indique claramente os processos de demonstração utilizados e os meios de controle ou de verificação, colocados à disposição dos colegas da comunidade científica. Apresentado em 1965, em seu livro *Sabedoria ou Ilusões da filosofia*, esse projeto é de realização difícil. Ele pede aos cientistas um grande esforço ascético, uma procura de objetividade e de comunicação, o que caracteriza a verdadeira noção do estudo, como já o notamos. Mas essa visão exigente está longe de ser a mais habitual no mundo científico, como em tudo o que é humano.

18. Os filósofos, cujas posições indicamos e sintetizamos aqui, são estudados de maneira sucinta no meu livro *Éthique chrétienne et dignité de l'homme* (citado na nota 5), p.288s.

4.3. Filósofos tentam superar o pluralismo¹⁸

Grandes pensadores e escolas importantes de filosofia têm enfrentado, com coragem e não sem certo êxito, a realidade e o tema do pluralismo.

Começamos por aqueles que viram mais longe e tentaram combater os maus projetos de superar o pluralismo. Esses projetos inadequados consistiam e consistem em propor um ortodoxismo doutrinário ou ideológico, que viria desbancar o pluralismo, sem no entanto abordar e esclarecer o feixe de questões humanas, fundamentais, que ocasionam a diversidade e o desencontro das posições.

Os acontecimentos que levaram ao desmoronamento do socialismo nos países do leste da Europa deram um relevo quase profético a Ernst Bloch (1885-1977), especialmente ao seu livro tão rico de informações, de críticas e sugestões, *O Princípio-Esperança*. Publicado em 1949, punha em relevo a importância do desejo, das aspirações populares, da participação do povo, como sujeito da história. E, ao mesmo tempo, estigmatizava a filosofia totalizante e o sistema totalitário, do partido único e dono do povo, quais fontes envenenadas que levariam o socialismo à perdição, como de fato o levaram. Bloch fora em parte precedido por um socialista italiano que exerceu certa influência entre nós, Antônio Gramsci (1891-1937).¹⁹ Este denunciara e analisara os processos de compressão e de repressão, que conduzem à exclusão do povo, seja qual for a cor do regime dominante.

Em uma perspectiva oposta, nos anos 60, um grande universitário norte-americano, tenta superar o pluralismo, no domínio da ética social e política. Trata-se de John Rawls, sobretudo em seu livro magistral, *Teoria da Justiça*.²⁰ Muitíssimo informado na filosofia alemã e anglo-saxônica, Rawls não teme ferir a modéstia, declarando que sua ética é mais formal do que a de Kant e mais prática do que o utilitarismo social (de *Hobbes, de Hume e de Stuart Mill*).

O essencial de seu pensamento ético e político consiste em propor a conciliação teórica e prática da liberdade e da justiça. Ele aceita, como ponto de partida, as desigualdades

19. Desse autor, ver, entre outras obras em português: *Concepção dialética da história*. trad. Carlos Nelson COUTINHO, 7 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1987; *A questão meridional*. trad. Carlos Nelson COUTINHO e Marco Aurélio NOGUEIRA, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

20. John RAWLS, *Uma teoria da Justiça*. trad. Vanireh CHACON, Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982.

sociais, efetivamente existentes hoje, para propor um sistema ético, doutrinário e operacional, que leve, de maneira progressiva, à igualdade sócio-econômica e cultural, sem comprometer o jogo das liberdades democráticas.

Em uma linha também positiva, que visa superar o liberalismo e o individualismo, não poderíamos silenciar o nome e a obra de Emmanuel Levinas. É uma das grandes figuras, e para muitos, a maior, da filosofia contemporânea. É a partir e mesmo é de dentro da reflexão fenomenológica que ele encaminha a filosofia à resposta ética do reconhecimento do outro e da realização humana pela responsabilidade. Fundando um existencialismo ou um personalismo radicalmente relacional, rompe com o idealismo, especialmente com o “saber absoluto” ou o projeto totalizante, à maneira de Hegel. Na perspectiva e no prolongamento da modernidade, estabelece uma ética universal, valorizando dentro de uma visão secular, a mensagem bíblica do pobre e do excluído.

Um pensamento que buscou a síntese, para além do pluralismo atual, se encontra em Hans Jonas, especialmente em sua obra *O Princípio Responsabilidade*. Está em diálogo com E. Bloch, cujo utopismo ele pretende ultrapassar, mantém o diálogo com a ética da “responsabilidade”, aborda o tema da “natureza”. em uma perspectiva mais ampla e mais englobante do que o vimos em Edgar Morin. A síntese de Hans Jonas se polariza em uma visão da ecologia, encarada da maneira mais universal e abrindo-se a uma ética do futuro. é a ética da responsabilidade total, envolvendo toda a humanidade e todo o cosmos na salvaguarda da vida e na atenção às gerações vindouras.

Na Escola de Frankfurt, J. Habermas e K. O. Apel²¹ são os pensadores que consideram o pluralismo nele mesmo e por ele mesmo, aceitando-o como fenômeno universal de fato e de direito. Procuram indicar os fundamentos teóricos e as atitudes práticas de uma filosofia epistemológica, ética e política, que convém à etapa de plena maturidade, de racionalidade adulta em que entrou a humanidade. Uma filosofia capaz de conduzir a humanidade, nessa época marcada pelo advento da ciência, da tecnologia e da democracia, da economia mundializada e da comunicação universal. Em seus últimos escritos sobretudo, esses autores tentam dialogar com todas as correntes filosóficas atuais, nutrindo a grande ambição de dar a resposta humana aos graves problemas humanos

Os seres humanos não de aprender a viver no pluralismo, o que corresponde a dizer, para esses pensadores: viver na verdade das coisas e da racionalidade. Eles propõem os princípios para essa convivência e as regras do jogo para uma ética e uma prática da discussão. Discutir é preciso, não dá pra visar outra coisa. A perfeita racionalidade se realiza na força e na elegância da perfei-

21. K. O. APEL, *Estudos de moral moderna.*, trad. Beno DISCHINGER, Petrópolis, Vozes, 1994; J. HABERMAS, *Consciência Moral e Agir Comunicativo*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1989; *Razão Comunicativa e Emancipação*. mesma ed., 1989; *O discurso filosófico da Modernidade*. Lisboa, Publ. Dom Quixote, 1990.

ta discussão. Voltaremos a pormenorizar as regras do jogo dessa discussão racional, pois quanto ao essencial, essa escola, de extensão mundial, merece mais do que a nossa simples simpatia.

Em resumo: por essas amostras do pensamento moderno e contemporâneo, acreditamos poder ao menos insinuar o quanto a filosofia está viva e atenta aos graves problemas humanos. O pensamento científico e filosófico parece polarizado em torno da complexidade da racionalidade científica e técnica, bem como de um pluralismo que desafia a sabedoria filosófica, ética sobretudo. Esta se vê às voltas com a falta do sentido da vida, com a ausência de projetos de sociedade, inspirados nos valores de justiça e de liberdade, de verdade e de solidariedade.

5. TENTATIVA DE SÍNTESE: INDICAÇÕES E SUGESTÕES METODOLÓGICAS

Acabamos esse rápido percurso, em companhia de pensadores e cientistas, através dos caminhos que vai trilhando a humanidade. Essa humanidade que o Pai amou e ama em seu Filho e à qual fez o dom de seu Espírito. Estamos mais bem equipados para voltarmos ao nosso projeto primordial: teologizar, hoje.

Tentemos destacar indicações e sugestões, articulando-as em algumas proposições que podem constituir os pontos de referência para reflexões e debates ulteriores.

5.1. Sobre a natureza e as funções da teologia

Em sua originalidade evangélica, a teologia traduz a realidade da Encarnação, a tensão dialética do divino e do humano, no plano da inteligência. O Espírito criador e santificador suscita pela sua graça a docilidade da fé à Palavra da salvação e confirma o valor e a autonomia da razão a serviço da compreensão e da verificação da praxis da fé do povo de Deus. A confissão cristológica do *perfectus Deus, perfectus homo*, a afirmação da perfeição divina e da perfeição humana de Jesus, vivendo dentro da realidade e dos limites da história, da cultura, se concretizam, para a experiência cristã, na valorização da inteligência, em todas as suas formas de realização. Ela é valorizada, como busca racional do conhecimento experimental, científico, filosófico, como adesão livre de fé à Revelação divina e como esforço de compreensão dócil e racional, que será a sabedoria teológica. Ela quer atingir a plena realização *da inteligência, no acolhimento e na penetração dos dons divinos* da criação e da salvação (Ver aplicação no nº 5.2.).

A teologia é um carisma, um serviço específico, ao lado de outros ministérios da Igreja. Ela é investida de uma justa auto-

nomia, pois ela inaugura na fé uma forma original de acolher, de interrogar e de compreender a Palavra de Deus. O que lhe permite colocar-se ao serviço do Povo de Deus e colaborar com os Pastores, acatando-lhes a autoridade no domínio da competência deles, e lhes oferecendo a ajuda de um saber, que supõe um outro tipo de competência, que vem da qualificação da inteligência pelo estudo e pela cultura.

A teologia se afirma assim como uma sabedoria esclarecida pela fé e se exercendo pelo estudo. Este se realiza por um trabalho de pesquisa, de demonstração, de análise da realidade das coisas, das situações e condições humanas, bem como da realidade da Igreja, da praxis pessoal e comunitária da fé.

Pelo estudo, aplicação metódica e intensa ao conhecimento da verdade, a teologia é um bem em si mesma e deve ser buscada de maneira desinteressada, como a própria Verdade. é primeiramente como consagração lúcida, leal e corajosa à verdade que a teologia dispõe e prepara para o apostolado. A finalidade apostólica do estudo teológico há de estimular e aguçar o desejo de conhecer, assegurando-lhe uma orientação de objetividade. Esta se traduzirá na busca de melhor compreensão da Palavra divina, da vida e da comunidade cristãs, bem como na análise rigorosa das realidades e situações e na procura dos métodos mais eficazes de ação.

5.2. Sugestões metodológicas gerais

Teologia e suas relações interdisciplinares com a filosofia e as diversas ciências. Não é por um jogo tático ou mesmo estratégico que a teologia há de ser levada à estima e à utilização do saber científico. Ela se inspirará, antes de tudo, em sua própria visão da Criação e da Encarnação, da condição humana, da inteligência e da cultura bem como em sua compreensão da vocação histórica e transhistórica do ser humano. Para o teólogo, acatar a autonomia das ciências é um corolário necessário do respeito devido à criação e ao conhecimento que conduz à plena manifestação da natureza a serviço da humanidade e como objeto de sua colaboração responsável.

A teologia tenderá a se realizar na perfeição de uma sabedoria e de uma ciência. Essa tese clássica, enunciada e demonstrada por São Tomás nas perspectivas da epistemologia de Aristóteles (cf Suma, I, 1, 2-6) reveste hoje uma significação e um alcance ainda maiores. Como sabedoria, a teologia procura responder ao sentido humano e evangélico da existência, da vida e da morte, do sofrimento e do trabalho, da sexualidade e dos diferentes aspectos ou desafios da condição humana.

A teologia visará o rigor da ciência em todos os domínios em que uma tal verificação é possível e oportuna. Sobretudo,

quando essa verificação é reclamada pela eficácia da ação e do empenho pelo bem, pela justiça e pela solidariedade.

Enquanto projeto de sabedoria, a teologia se aproxima da filosofia, recorrerá oportunamente a métodos semelhantes e tirará proveito da problemática e dos resultados da reflexão filosófica.

Em sua ambição de atingir a precisão científica, a teologia terá que se deixar guiar pelos métodos e mesmo pelos profissionais das diferentes disciplinas, especialmente no campo das ciências humanas ou culturais. Sua especificidade vai se exercer e manifestar na capacidade que mostrará o teólogo de discernir, nos dados e avanços da ciência e da tecnologia, o que está em correlação com a visão autêntica e evangélica do ser humano, de sua vocação temporal e eterna.

Essa dupla faceta de sabedoria e de ciência esclarece muito particularmente a abordagem da dimensão prática ou moral da teologia. Quando se trata das questões de base, tais como definir os conceitos-chaves da dignidade humana, dos valores e direitos fundamentais, de cuja prática depende a realização ética da pessoa e da sociedade, a teologia moral social, confraterniza com a filosofia ética, social, política, sendo grandemente ajudada para o cumprimento da missão de sabedoria a um tempo humana e evangélica. Ao invés, ao abordar os aspectos operacionais, em que consistem aqui e agora as exigências do respeito à vida humana, como determinar as normas de uma justa remuneração ou de condições humanas de trabalho, a ética e a teologia moral social não de recorrer a uma análise precisa da realidade, servindo-se dos métodos científicos rigorosos. A teologia se realiza então como sabedoria e ciência.

5.3. Diferentes níveis epistemológicos

Nessa perspectiva e dentro desse quadro, parecem muito oportunas as sugestões e mesmo os desafios formulados por Jean Piaget (cf acima, nº 4.2.) O teólogo há de saber distinguir os diferentes níveis epistemológicos, os métodos empregados, as formas de argumentação e de definições a que recorre, a fim de possibilitar e mesmo facilitar o diálogo e a discussão das idéias e doutrinas.

Esse trabalho de discernimento e de clarificação metodológicos exige antes de mais nada que se distingam os planos em que se move a verificação teológica. Simplificando a questão, poder-se-ia propor a tríplice modalidade de verificação:

A verificação hermenêutica que diz respeito à dimensão positiva, bíblica, tradicional, histórica da teologia, enquanto essa se irmana com as ciências dos textos e se deve reger pelos princípios e métodos dessas disciplinas. A questão de base, crucial mesmo, que se coloca à teologia é a seguinte: como mostrar que tal proposição, tal doutrina se encontram nas fontes da revelação e da tra-

dição? Está aí a dimensão fundamental da teologia que constitui um dos seus tratados mais importantes, mas que volta sempre de maneira particularizada, no estudo de todas questões teológicas.

A verificação doutrinal ou sistemática visa clarificar, definir e demonstrar os ensinamentos, as realidades, os valores e as normas do cristianismo, através de processos e métodos em harmonia com o caráter específico desse universo da fé e em conformidade com os métodos rigorosos da reflexão filosófica ou da demonstração científica.

A verificação prática ou operacional corresponde substancialmente aos aspectos da teologia pastoral e da teologia espiritual. É a confrontação rigorosa da doutrina e da praxis, a exigência da interação a manter entre as duas formas de viver a mesma verdade, na inteligência e na ação. Entre outros corolários decorrentes dessa interação, afirma-se a necessidade do diálogo entre os diferentes ministérios da Igreja, a colaboração e a constante retificação de trajetória, a se realizar em um trabalho de toda a comunidade.

5.4. Teologia e filosofia

Reservamos para o fim essa questão delicada porque ela exige a conjunção e a consideração de todos os dados que acabamos de evocar de maneira sucinta.

É de fato uma questão permanente na história da Igreja e da teologia. Na época patrística predominou o recurso ao platonismo e ao estoicismo, criticados e remanejados segundo as exigências da mensagem bíblica. O que não evitou certos desencontros ou incoerências em pontos fundamentais como a antropologia sexual.

De maneira inovadora e mesmo revolucionária, São Tomás de Aquino fez a opção pelo aristotelismo como filosofia matriz, donde tirava o quadro e a inspiração, possibilitando uma integração harmoniosa de elementos destacados de outras correntes filosóficas. O êxito foi bastante amplo para justificar a sentença jocosa de Etienne Gilson: *O tomismo foi o único modernismo que chegou a triunfar na Igreja.*

No entanto, em pontos básicos, as incoerências herdadas da introdução do estoicismo e do platonismo estiveram longe de ser atenuadas. É o que se vê na história da teologia moral, nos capítulos da ética sexual e mesmo social e econômica.

A doutrina de São Tomás jamais foi ensinada nas universidades e nos seminários de maneira universal e constante. O tomismo tem sido objeto, diríamos vítima, de restaurações - no século XVI, no século XIX - com as limitações e os inconvenientes de toda restauração, marcada em geral por uma ideologia conservadora que predomina em momentos de crises.

Toda tentativa de volta à Idade Média, de retomada de São Tomás, ainda a mais habilidosa, parece-nos um contra-senso e

uma contradição à missão renovadora do grande doutor. Colocamo-nos na perspectiva da teologia, do valor racional e evangélico dessa operação. Sob esse ângulo, ela corre o risco de ser uma desajeitada volta atrás. Ao invés, cabe aos pastores a responsabilidade desse tipo de retorno ao passado, quando eles o praticam e canonizam como necessário reencontro com a tradição teológica. Bem pode ser que, sob o aspecto pastoral, se trate de uma tática ou de uma estratégia, mais ou menos oportuna, destinada a dar segurança aos inseguros em momentos de crise teológica na Igreja.

Se toda *volta ao tomismo* nos parece um desacerto, freqüentar São Tomás, habitar de contínuo a sua obra é uma chance e uma graça de valor inestimável. Com os recursos e os métodos da hermenêutica moderna, ele se mostra em teologia como o clássico dos clássicos, como a referência que se impõe a quem quer entrar na teologia católica pela grande porta e praticá-la com discernimento evangélico, com o sentido da tradição e plena inserção na cultura moderna.

Restringindo-nos ao essencial, condensamos assim a atitude hermenêutica diante de São Tomás:

- a. Procurar reencontrar a inspiração primordial e os princípios primeiros que fundam o sistema, comandam sua construção, seu equilíbrio e suas grandes articulações.
- b. Situar e apreciar as posições e as teses do mestre à luz e na perspectiva desses princípios fundadores, sabendo discernir o que há de contingente, os eventuais desvios, sobretudo, que se devem à influência restritiva e mesmo desnorteante, vindo das mentalidade e dos quadros medievais.
- c. A teologia de Tomás de Aquino surgia em resposta e a serviço da necessidade da Igreja e da cultura de seu tempo. Depois de recolocá-la nesse ambiente de vida em que nasceu, é preciso saber julgá-la e criticá-la dentro do clima e do contexto da Igreja e do mundo de hoje.

5.5. A teologia e a filosofia hoje

Abordamos enfim a questão mais espinhosa: qual filosofia e escolhida à luz de que critérios?

Retomamos um primeiro dado primordial (cf acima, nº 4.3.): através de grandes pensadores e de correntes importantes, a filosofia é hoje uma realidade viva e influente na cultura. Ela contribui grandemente para enfrentar os graves e difíceis problemas da humanidade contemporânea. A fidelidade profunda à tradição, especialmente a qualidade de discípulo de São Tomás só podem é estimular e reforçar, no espírito do teólogo, a estima das formas de filosofia vivas e em simbiose com a civilização e a humanidade hoje.

De certo, não podemos falar de filosofia apenas no singular. Os filósofos mais lúcidos são os primeiros a nos lembrar o fenômeno e o significado do pluralismo contemporâneo.

Mas a questão se torna mais delicada ainda. Como juntar *o singular e o plural? Como conciliar o fato do pluralismo das filosofias com a missão de unidade e coerência que a filosofia é chamada a realizar no seio da cultura e a proveito da teologia?* Sem uma resposta, mesmo elementar a essa questão, a nossa reflexão ficaria inacabada.

Relembremos em primeiro lugar o axioma de São Tomás: *toda verdade, proferida por quem quer que seja, vem do Espírito Santo* (cf I-II, 109, 1).

O teólogo estará atento ao vasto campo da reflexão filosófica que tem por objeto os diferentes e importantes domínios do ser humano, dos valores pessoais e sociais, com o fito de acolher e incorporar tudo quanto possa atualizar e renovar os dados da sabedoria humana.

Esses dados filosóficos encontram dois pontos de polarização, que lhes conferem certa unidade e lhes permitem contribuir para a coerência da teologia que os acolher. Por um lado, o que dá vitalidade e perenidade à filosofia e faz dela mais do que um simples ensino acadêmico, é o seu interesse pelos verdadeiros problemas da cultura. Muitos dos grandes temas filosóficos, ou dos dados científicos reconhecidos como de valor geral, já se acham incorporados qual bem comum da cultura. Eles aí encontram certa unidade e coerência em torno dessa questão primordial que é o ser humano, com suas interrogações, suas aspirações, suas angústias e esperanças. Este é o verdadeiro ponto de confluência da filosofia e da teologia.

Concretizemos esse ponto da maior importância. Como a teologia moral poderá abordar de maneira atual os problemas da consciência, do discernimento ético, da justiça, da fé, da esperança e do amor, sem passar pelos dados da antropologia e da ética contemporâneas? Citemos entre outras, as contribuições sobre o inconsciente pessoal e coletivo, as teorias da decisão, as doutrinas da responsabilidade e da corresponsabilidade, da dignidade humana, dos valores e direitos fundamentais.

Já a própria catequese católica desperta para essa problemática moderna, que não fora desenvolvida pelo pensamento clássico. É só ver como se organizam os conceitos e os temas de maior relevo, na III Parte do *Catecismo da Igreja Católica*. As noções fundamentais de antropologia e de ética, que se encontram na base do novo catecismo, são pensadas e formuladas de maneira totalmente diferente da que se pode ler no *Catecismo do Concílio de Trento*, de bela e boa inspiração tomista.

Um derradeiro critério de unidade e de coerência virá do seio da própria teologia. A sua inspiração, sua ordem e seu

quadro tradicional se enraízam nos dados mais profundos da primeira evangelização, condensados na catequese fundamental, que, desde o início, prepara e acompanha o batismo. A estrutura da Suma teológica de São Tomás, que retoma e aperfeiçoa o plano das Sumas anteriores, corresponde, em última análise, à ordem mesma do credo batismal. Há uma lógica imanente na mensagem e no dinamismo da própria fé. Vaticano II lembrou, com muita profundidade e oportunidade, a *hierarquia das verdades* reveladas. Todas elas merecem a adesão de nossa fé. Porém, há verdades primordiais e fundadoras, os *artigos* básicos da fé, que dão sentido e força aos outros dados revelados ou implicados no fato da revelação. A teologia é a sabedoria feita de docilidade e de discernimento, que acolhe a revelação como um todo harmonioso. Ela parte da fonte primeira que é Deus em seu Amor, em sua Comunhão trinitária, se dando e se revelando na difusão desse Amor através do duplo universo, distinto e entrelaçado, da criação e da salvação. No centro da criação e da salvação, a teologia contempla, esse outro duplo dom que igualmente se distingue e se abraça, para constituir e animar o drama da existência, da história, do destino da humanidade: a liberdade e a graça.

6. CONCLUSÃO

Em síntese: assim, ao renovar-se, a teologia afirma-se e confirma-se em sua opção básica de apego à Palavra de Deus e à tradição viva da Igreja, reencontrada e aprofundada por um trabalho de reflexão hermenêutica, doutrinal e prática. A atitude de diálogo interdisciplinar com a filosofia e as ciências sempre amplia e enriquece a teologia. Mas esse crescimento realiza-se na medida mesma em que ela permanece na fidelidade às suas origens e na docilidade ao Espírito que encaminha a Igreja à plenitude da Verdade.

*Frei Carlos Josaphat OP
Professor de Moral Social
Escola Dominicana de Teologia - São Paulo*